

REI E RÉU

J.L.

Cristo, e eu com esse orgulho trivial que me separa
de Suas Mãos,
e as minhas ainda com bofetões,
espinhos, chicotes e vinagres.
Ele o réu, eu o rei
e entre nós essa súplice
vontade de dizer-Lhe: esquecei.
Sou verdadeiramente dúplice:
Anjo e vilão;
ou tríplice:
- dois malfetores em cada mão
e um corpo pintado de Cristo.
Não sou mais do que isto,
isto e mais aquilo e mais milhares de crimes,
em cima, em cima, em cima, em cima.

*Parece-me
bastante baral
esta antitesse.*

Ante Teu sangue potável, ó Deus inconsútil
também tenho chagas mas inúteis
(não por querer imitar-te).

Perdôa o plágio de Teu rei
e essa corôa de lata e ortiga
e os pobres milagres aprendidos em circo,
sacando peixes e pães que não nutrem.
Tu sabes que meus bofetões não Te ferem
nem esses espinhos rombudos nem esses vinagres régios,
nem esses pecados grossos,
Tu que és todo luz
e eu ossos;
eu morto de moléstias
Tu imortal per omnia secula;
e Tu a me chamares algoz,
e eu com essa gagueira na voz
e esses pobres sopapos.
Eu algoz que não fere,
lutador de opereta
com lanças que são alfinetes
e uma espingardinha de rolha
que não consegue estourar uma bôlha.

Basta que Tua enorme boca me sopra

para que eu sossobre,
e me confunda entre os insetos
perdido, perdido, perdido, perdido
entre lagartixas e sapos.
Ó rêde augusta, livra-me dêsses abismos reles.

Mesma observação
que fiz a "legia u."